PIAGET, J. Seis estudos de Psicologia. 13ª ed. Rio de Janeiro: ForenseUniversitária, 1985.

REVISTA DIÁLOGO MÉDICO. É hora de ir para escola. Ano 10, nº 4, jul/ago. 1995, p42-45.

ROGERS, C. Liberdade de Aprender em Nossa Década. 2. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1986.

ROSSI, Francieli Santos. Considerações sobre a Psicomotricidade na Educação Infantil. 2012. Disponível em: Acesso em: 15 nov. 2016.

SEBER, M. G. Psicologia do pré-escolar. São Paulo: Moderna, 1995.

SISTO, F. F. et al. Atuação psicopedagógica e aprendizagem escolar. Rio de Janeiro: Vozes, 1996.

SMOLE, K. C. S. A Matemática na Educação Infantil: A teoria das inteligências múltiplas na prática escolar. Porto Alegre: Artes Médicas. 1996.

THIESSEN, L. M.; BEAL. A. A. R. Pré escola, Tempo de Educar. São Paulo: Ártica, 1987.

VAYER, P. El nino frente al mundo. Barcelona: Cientifico-Médica, 1977.

VAYER, P. O diálogo corporal: a ação educativa para a criança de dois a cinco anos. São Paulo: Manole, 1984.

VIGOSTKY, L. A. Formação social da mente. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

WALLON, H. As origens do caráter na criança. São Paulo: Nova Alexandria, 1995.

WAJSKOP, G. Brincar na pré-escola. São Paulo: Cortez, 1995.

_____. O brincar na educação infantil. Caderno de pesquisa. São Paulo, nº92, p6292, fev, 1999.

O PAPEL DO PSICOPEDAGOGO ESCOLAR: UM ESTUDO REALIZADO NO CONTEXTO ESCOLAR MARIA ELIZABETH GOMES

CRISTINA MARIA DO ROSÁRIO SANTOS

Resumo

Este artigo insere-se na área da Psicopedagogia Institucional e tem por tema o papel do psicopedagogo escolar. Trata-se de um estudo realizado no contexto da Escola Estadual Maria Elizabeth Gomes . O problema abordado no trabalho pode ser expresso na pergunta: “Qual é o papel do psicopedagogo escolar no contexto da escola Maria Elizabete Gomes?”. No campo social, a investida se justifica visto que as escolas enfrentam um grande desafio: lidar com as dificuldades de aprendizagem e ao mesmo tempo traçar uma proposta de intervenção capaz de contribuir para a superação dos problemas de aprendizagem dos alunos. Assim, para concretizar o objetivo do artigo foi feita uma pesquisa bibliográfica combinada com outra de campo, modalidade qualitativa. O texto se apresenta construído em três capítulos: o primeiro descreve a unidade de ensino, o objeto da pesquisa; o segundo relata a dinâmica da escola e os problemas relacionados às dificuldades de aprendizagem dos alunos nela presentes e o terceiro, apresenta, teoricamente, a função do psicopedagogo escolar; identificando possibilidades de atuação desse profissional na

unidade de ensino observada.

Palavras-chave: Psicopedagogia Institucional. Psicopedagogo escolar. Dificuldades de aprendizagem.

Abstract

This article is part of the area of Institutional Educational Psychopedagogy and has dealt with the role of the school educational psychopedagogist. It is a study in the context of the State School Mary Elizabeth Gomes. The problem addressed in the workplace can be expressed in the question: "What is the role of the school educational psychologist in the school context Mary Elizabeth Gomes?". In the social field, the charge is justified given that Schools face a major challenge: dealing with learning difficulties while tracing a proposed intervention can contribute to overcoming the problems of student learning. Thus, to achieve the objective of the thesis was done a literature search combined with another field, qualitative mode. The text is presented built in three sections: the first describes the teaching unit object of research; the second describes the dynamics of the school and the problems related to learning of students in her gifts and the third, theoretically, has the function of the school educational psychologist; identifying possibilities for action in this professional education unit observed.

Keywords: Institutional Educational Psychology. Psychopedagogist school. Learning difficulties.

INTRODUÇÃO

Este artigo insere-se na área da Psicopedagogia Institucional e tem por tema o papel do psicopedagogo escolar. Trata-se de um estudo realizado no contexto da Escola Estadual MariaElizabeth Gomes . O problema abordado no trabalho pode ser expresso na pergunta: “Qual é o papel do psicopedagogo escolar no contexto da escola Maria Elizabete Gomes?”.

Meu interesse pelo tema surgiu a partir da vivência que tive durante o estágio de observação realizado na referida unidade escolar. Nesse estágio, percebi a deficiência na compreensão por parte da coordenadora educacional e dos profissionais que atuam na instituição, referente ao papel do psicopedagogo escolar; diante dessa situação, despontou-me o desejo de abrir os olhos dos educadores e profissionais da área de ensino sobre o papel que o psicopedagogo desenvolve no espaço da escola.

Senti que seria muito importante que eles soubessem que o psicopedagogo é um profissional capacitado para colaborar com o professor no contexto escolar, a fim de vencer as dificuldades de aprendizagem apresentadas pelos alunos. Eles, educadores e a coordenadora pedagógica, precisariam saber que a Psicopedagogia não se constitui em uma justaposição de dois saberes - psicologia e pedagogia – indo muito além da simples junção dessas duas palavras. Isto significa que é muito mais do que a simples aglomeração de duas expressões, visto que visa identificar a complexidade inerente ao que produz o saber e o não saber. A Psicopedagogia é uma nova área do conhecimento que estuda o processo de aprendizagem e

suas dificuldades, e muito tem contribuído para explicar a causa dos entraves com os quais os alunos se deparam em suas vidas acadêmicas, pois ela tem como objetivo central de estudo o processo humano do conhecimento: seus padrões evolutivos normais e patologias bem como a influência (família, escola, sociedade) no seu desenvolvimento (SCOZ, 1992). Portanto, diante das sérias dificuldades de aprendizagem dos educandos é muito importante a atuação psicopedagógica nas escolas.

Pessoalmente, este trabalho se justifica porque o tema investigado é fundamental para minha formação profissional, pois terei a oportunidade de entrar em contato com a realidade na qual serei inserida futuramente, além de conhecer as possibilidades de atuação do psicopedagogo na instituição escolar e concretizar pressupostos teóricos adquiridos na academia e confrontados com o que foi por mim observado durante o estágio, ou seja, poderei aliar teoria com a prática, através de um olhar e uma escuta singular.

Tendo em vista que o objetivo do artigo consiste em identificar qual é o papel do psicopedagogo escolar, tendo por espaço de pesquisa a Escola Municipal Maria Elizabeth Gomes, esse objetivo será construído por meio de quatro capítulos. O primeiro abordará a dinâmica escolar da instituição objeto da pesquisa; o segundo apresentará os problemas presentes na escola relacionados às dificuldades de aprendizagem dos alunos; o terceiro descreverá como, teoricamente, se caracteriza a função do psicopedagogo escolar; finalmente, o quarto identificará possibilidades de atuação do psicopedagogo escolar na unidade de ensino observada.

CAPÍTULO 1

A ESCOLA ESTADUAL MARIA ELIZABETH GOMES

Tendo em vista que esta monografia busca conhecer o papel do psicopedagogo escolar no contexto da Escola EstadualMaria Elizabete Gomes, este capítulo tem por objetivo descrever essa unidade de ensino a fim de o leitor poder compreender a proposta que será apresentada no terceiro e último capítulo.

A escola em questão é uma Unidade Educacional pública, localizada em perímetro urbano, no distrito do Capão Redondo, na zona sul do município de São Paulo.

A criação da escola ocorreu no ano de 1957; seu nome foi uma homenagem à Professora Maria Elizabete Gomes,nascida no final do século XIX, em1894, no interior paulista. Professora das Escolas Rurais da localidade onde nasceu ministrou aulas particulares aos filhos de ferroviários da Estrada de Ferro Douradense e destacou-se por combater as endemias e doenças infecciosas que assolaram aquele território.

Faleceu em junho de 1978.

1.1 A região em que se insere a escola

Os primeiros moradores de Capão Redondo residiam e trabalhavamno centro da capital paulista e se aventuravam caçando, pescando e acampando na área praticamente despovoada dos sertões de Santo Amaro na segunda década do século XX. O nome de Capão Redondo foi dado ao bairro por seus primeiros moradores; o motivo que os levou a usarem esta de-

nominação para o local foi nela existir um capão de mato, bem redondo, com cerca de 50 quilômetros de circunferência. A primeira ocupação do Capão Redondo aconteceu nas imediações do Parque Santo Dias e da EMEF Ricardo Vitiello, nas confluências das Avenidas Solidariedade e Marmeleira da Índia com a Avenida Elias Maas (que leva o nome de um dos diretores do Colégio Adventista, atual UNASP). A partir de 1915, foi construído um grande complexo de represas que existiu até os anos 1960. Hoje é possível apenas visualizar a COHAB Adventista, duas avenidas e um córrego a céu aberto,bem poluído, denominado Moenda. O local onde foi construída a escola era um grande terreno, e com a ampliação das moradias e a chegada de novos moradores, se fez necessária a construção de uma escola para atendimento dos novos moradores.

Atualmente, esta região conta com igrejas, supermercados, caixas eletrônicos, lojas, padarias, posto de saúde, algumas linhas de ônibus que a ligam ao centro da cidade, praças com academias, floriculturas e comércio em geral.

A Escola Professora Maria Elisabete Gomes é jurisdicionada pela Diretoria de Ensino da Região Sul-2, Coordenadoria de Ensino da Grande São Paulo, Secretaria da Educação do Estado de São Paulo. Ela atende o Ensino Fundamental – Ciclos I e II (1ª a 4ª séries).

1.2 A população atendida

De acordo com o relato do Vice-Diretor, a comunidade é composta por pessoas de classe socioeconômica C e D, na unidade escolar há alunos filhos de baixa renda.

A maioria dos alunos nasceu em São Paulo, e são filhos dos moradores do bairro. Quanto ao perfil da estrutura familiar, em sua maioria os alunos não possuem a presença do pai em seus lares, portanto o quadro familiarse constitui de mãe e irmãos. Esse dado advém da percepção quanto à participação ativa das mães na responsabilização pela educação da criança.

Os alunos residem próximos à unidade escolar, que está rodeada por prédios e residências servidas por saneamento básico: asfalto, esgoto e iluminação. Além disso, a grande maioria dos alunos tem computador e acesso a internet.

Com relação à escolaridade dos pais, apenas 2% possui algum grau de alfabetização, tendo escolarização pertinente ao Fundamental incompleto.

Os pais apresentam uma participação ativa no Conselho de Escola e na Associação de Pais e Mestres.A participação e o acompanhamento da vida escolar do filhoocorremmajoritariamenteatravés das reuniões de pais e professores, nas quais há frequência maciça dos responsáveis pelos alunos, a fim de obtenção de informações sobre o processo educacional de seus filhos.

1.3 Organização e Funcionamento

A unidade de ensino funciona em dois turnos diurnos, oferecendo carga horária mínima de 1000 horas em duzentos dias de efetivo trabalho escolar.

Consideram-se de efetivo trabalho escolar, os dias em que forem desenvolvi-

das atividades regulares de aula ou de outras programações didáticopedagógicas, planejadas pela Escola, com a presença da equipe docente e registro da frequência dos alunos.

Para cumprimento da carga horária prevista por lei, o tempo destinado ao recreio é considerado como de atividades escolares e computado na carga horária da classe ou proporcionalmente, na duração de cada componente curricular.

A Escola adota uma Gestão Democrática, observando, pois, os princípios de autonomia, coerência, pluralismo de ideias e concepções pedagógicas e coresponsabilidade da Comunidade Escolar. Essa gestão se faz mediante a:

- Participação de todos os profissionais da Escola na elaboração, implementação da Proposta pedagógica;
- Participação de toda Comunidade Escolar- Direção, Professores, Pais, Alunos e Funcionários – nos processos consultivos e decisórios, através do Conselho de Escola, Conselho de Classe, Série e Ciclo e Associação de Pais e Mestres;
- Autonomia de Gestão Pedagógica, administrativa e financeira, respeitadas as diretrizes e normas vigentes.
- Participação da Comunidade Escolar, através do Conselho Escola, nos processos de escolha e/ou indicação de profissionais para exercício de cargos vagos, funções e postos de trabalho, respeitada a legislação vigente e pertinente a situação.
- Administração dos recursos financeiros, através da relação, execução e avaliação do respectivo plano de aplicação devidamente aprovado pelos órgãos ou instituições escolares competentes, obedecida a legislação específica para gastos e prestação de contas de recursos públicos.
- Transparência nos procedimentos pedagógicos, administrativos e financeiros, garantindo-se a responsabilidade e o zelo comum na manutenção e otimização do uso, aplicação e distribuição adequada dos recursos públicos;
- Construção de uma proposta pedagógica voltada para trabalho coletivo de maneira que atenda as expectativas da sociedade contribuindo para sua formação.
- Valorização da Escola, enquanto espaço privilegiado de execução de processo educacional.

1.4 Recursos físicos

O prédio possuidois andares:

- Térreo: 01 sala de informática, 01 sala de vídeo, 01 pátio coberto, 01 sala de coordenação pedagógica, 01 salas de professores, 01 elevador, 01 cozinha com dispensa, 01 refeitório coberto, banheiros para os alunos (conjunto masculino e feminino), 01 secretaria, 01 sala de direção, 01 sala de vicedireção, 01 quadra em construção, 01 estacionamento.
- Primeiro andar: 15 salas de aula, 01 biblioteca, 01 depósito de material pedagógico.

1.5 Recursos humanos

O pessoal que dá suporte às atividades escolares é composta por 28 Pro-

fessores, 4 auxiliares,01 coordenadora pedagógica, 01vice-diretor, 01 diretora, 04 agentes escolares, 06 agendes de organização escolar; os funcionários relacionados à merenda e à limpeza são terceirizados.

1.6 A Proposta Pedagógica da Escola

A Proposta pedagógica da EE Professora Maria Elisabete Gomes, ao ser elaborada pela comunidade escolar, levou em conta a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - LDB 9394/96, a Constituição Brasileira e Paulista, o Estatuto da Criança e do Adolescente, o disposto nos Parâmetros Curriculares Nacionais - PCN, o Parecer CEE 67/98, a Indicação 13/97 do Conselho estadual de Educação de São Paulo e o Currículo Oficial do Estado de São Paulo. Foi elaborada pela equipe escolar, tendo como suporte as expectativas e demandas da sua comunidade e seu entorno, e foi referendada pelo Conselho de Escola.

São objetivos dessa Escola, além daqueles previstos na LDB,Lei Federal nº 9394/96:

- Orientar o educando para o pleno exercício da cidadania;
- Proporcionar momentos de integração Escola-Comunidade;
- Proporcionar condições e informações culturais necessárias para que o aluno tenha possibilidade de prosseguir seus estudos em níveis de escolaridade;
- Transformar o educando em indivíduo crítico e participativo, capaz de transformar a realidade social em que vive;
- Favorecer o desenvolvimento do educando integralmente visando os aspectos (biológico, social, cultural, moral e intelectual).

Durante o processo de elaboração do documento, a comunidade escolar concluiu que a implementação de uma Proposta Pedagógica consistente e articulada deve ter eixo norteador as reais necessidades dos seus educandos, a partir de suas demandas e solicitações (tanto os pessoais como as da sociedade contemporânea). Por isso, o elemento estruturador desta Proposta Pedagógica foi à consciência de que num mundo essencialmente urbano, com vários recursos e novas tecnologias, o exercício pleno da cidadania pressupõe a competência plena no uso da leitura e escrita em práticas sociais cotidianas.

A aquisição da capacidade de ler e descrever é entendida como incumbência de todos os profissionais envolvidos no processo de ensino-aprendizagem, durante o período em que for necessário. Para tanto, a leitura e a escrita serão trabalhadas nas mais variadas formas, atingindo todos os níveis de alunos do Ciclo I. A equipe escolar priorizou procedimentos didáticos que levem os alunos a despertar o interesse pela leitura, suas potencialidades e seu interior e através da leitura expressará suas ideias, refletindo sobre as dúvidas, os problemas e questionando para consigo e os demais. Para isso, as atividades escolares deverão ser programadas de forma articular o conteúdo a ser trabalhado com os objetivos a serem alcançados pela escola, de forma contextualizada e multidisciplinar.

Esta Proposta Pedagógica traz como suporte, um projeto de escola norteado pela concepção de valorização da formação de alunos, docentes e gestores e pelas reflexões sobre a identidade e o papel a ser desempenhado historicamente por esta Instituição, junto à comunidade.Dentre estes, destacam-se. A) FUNÇÃO SOCIAL DA ESCOLA(FINALIDADE):

A finalidade concentra-se na formação de leitores/escritores, críticos e criativos, sabendo expor suas ideias. Para tanto, haverá incentivo constante dos professores para facilitar a reflexão dos alunos, possibilitando a resolução de problemas matemáticos, questões relacionadas a fatos históricos, geográficos e científicos.

Os conteúdos desenvolvidos possibilitarão uma aprendizagem contínua dos alunos, sendo utilizadas atividades do cotidiano, diversificadas e multidisciplinares, inseridos num ambiente pedagógico e alfabetizador, contribuindo para a formação de cidadãos críticos, conhecedores dos direitos e deveres.

B PRINCIPIOS DIDÁTICOS-PEDAGÓGICOS:

Escola Aprendente: Num contexto social e cultural cada vez exigente, torna-se necessário um currículo atraente para as crianças para desenvolver ao máximo suas competências e habilidades.

Pluralismo de ideias e concepções: Através do conhecimento de diferentes concepções relacionadas à docência, tais como: transposição didática, currículo e desenvolvimento curricular, planejamento, organização do tempo e espaço, gestão da classe, interação, criação, realização e avaliação das situações didáticas e em consequência a avaliação da aprendizagem. Transposição Didática: Esta proposta pretende focar as articulações das intenções educativas, na qual está definida a finalidade, os princípios e a organização geral da escola, destacando na proposta pedagogia a implementação curricular através de projetos.

Contextualização: Esta proposta privilegia a capacidade da leitura e a escrita adquirida através da construção do conhecimento utilizando recursos didáticos do Programa Ler e escrever.

1.7 Objetivos da instituição

O ensino da escola deve estar comprometido com a democracia e a cidadania.

Nesse sentido, essa escola se organiza com as seguintes orientações:

- Desenvolvimento da capacidade de aprender tendo como meios básicos o domínio da leitura, da escrita e do cálculo;
- Compreensãodo ambiente natural e social, do sistema político, da tecnologia, das artes e dos valores em que se fundamenta a sociedade;
- Formação de cidadãos conscientes de seus direitos e deveres;
- Promoçãoda integração escola-comunidade;
- Promoção de um ambiente favorável ao estudo e ao ensino;
- Estimulação de seus alunos a participação, bem como a atuação solidária junto à comunidade.

O currículo escolar valoriza, ainda, as seguintes atividades:estudos do meio, eventos cívicos e comemorativos, visitas culturais, visitas de integração e socialização, eventos.

1.8 Avaliação na instituição

As avaliações são realizadas através de observações do professor, sondagens, avaliação do aproveitamento registradas em notas de 0(zero) a 10(dez).

A avaliação da escola, no que concerne a sua estrutura,organização, funcionamento e impacto sobre a situação do ensino e da aprendizagem, constituem um dos elementos para reflexão e transformação da prática escolar e terá como principio o aprimoramento da qualidade de ensino.

A avaliação interna, processo a ser organizado pela escola e a avaliação externa, pelos órgãos locais e centrais da administração, serão subsidiados por procedimentos de observações e registros contínuos e terão por objetivos permitir o acompanhamento sistemático e contínuo do processo de ensino aprendizagem, de acordo com os objetivos e metas propostas.

A avaliaçãoInstitucional será realizada, através de procedimentos internos e externos, objetivados a análise, orientação e correção, quando for o caso, dos procedimentos pedagógicos, administrativos e financeiros da escola.

Os objetivos e procedimentos da avaliação serão definidos pelo conselho de escola.

A avaliação externa será realizada pelos diferentes níveis da administração, de forma contínua e sistemática e em momentos específicos.

A síntese dos resultados das diferentes avaliações institucionais será consubstanciada em relatórios, a serem apreciados pelo conselho de escola e anexados ao plano de gestão escolar, norteando os momentos de planejamento e replanejamento da escola.

A avaliação interna do processo de ensino e da aprendizagem é realizada de forma contínua, cumulativa e sistemática, tendo como um dos objetivos o diagnóstico da situação de aprendizagem de cada aluno, em relação à programação curricular prevista e desenvolvida em cada nível de escolaridade condizente com os conteúdos conceituais, atitudinais e procedimentais.

CAPÍTULO 2

A DINÂMICA DA ESCOLA ESTADUAL MARIA ELIZABETH GOMES

Neste capítulo, relatarei a dinâmica da escola na qual estagiei e que foi o local da pesquisa que deu origem ao presente artigo.

1.1 DIALOGANDO COM A COORDENADORA

Após o dia da palestra, realizei meu primeiro contato formal com a instituição. Apresentei-me, especificando a área que estava buscando estágio, expliquei também a Coordenadora F. qual era o objeto de estudo da psicopedagogia, e perguntei-lhe acerca da demanda da escola.

Prontamente a Coordenadora F. me apresentou à direção da escola e depois me explicitou que, na área psicopedagógica, a demanda emergencial da unidade era de duas salas de alfabetização, com crianças do1º ano, às quais denominarei G1 e G2.

Ainda, junto com a Coordenadora F., visitei todos os espaços da instituição e fui apresentada para a professora do G1 e, sequencialmente, fui conduzida ao G2, porém a educadora não estava presente, e os alunos estavam aos cuidados de uma docente eventual.

Perguntei para a coordenadora quais as contribuições, em sua percepção, do psicopedagogo na escola e como esse profissional poderia contribuir com a Instituição Escolar. No entanto, a coordenadora não soube responder de imediato minha pergunta, e ressaltou que a mesma era difícil de responder, visto não contar com esse profissional em sua unidade escolar. No entanto, pediu-me um tempo para raciocinar e depois de algumas pesquisas me respondeu por escrito, da seguinte forma:

a) O Psicopedagogo pode dar importantes contribuições relacionadas à intervenção, que favoreçam o processo de ensino aprendizagem das crianças que apresentam algum tipo de dificuldade. Promover um plano de ação que considere não apenas os aspectos da aprendizagem mais que compreendam a criança de maneira global (biopsicossocial). Propor projetos, intervenções e encaminhamentos que favoreçam não apenas a integração da criança com dificuldade de aprendizagem, mas torná-la participante do processo.

b) Conhecer a realidade, contexto o qual a escola esta inserida. Ouvir os alunos, estudantes através de uma escuta “terapêutica”, cuidada e assertiva. Respeitar as diferenças e a diversidade escolar dentro do plano de ação. Integrar-se com todos os atores do processo ensino aprendizagem para juntos encontrarem solução para os problemas relacionados ao ensinar e aprender. Propor projetos e intervenções onde o modo de ensinar e aprender sejam discutidos, refletido e reestruturado dentro de uma proposta inclusiva.

Na minha segunda ida à escola, detive-me atentamente à leitura dos documentos da instituição, em especial do Plano de Gestão e do Projeto Político Pedagógico, os quais, juntamente com o depoimento do Vice-Diretor,foram utilizados na caracterização da Instituição descrita no capítulo I.

Já inteirada do contexto daquela unidade de ensino, passei à etapa de observação da dinâmica escolar.

No primeiro dia de observação, a Coordenadora A. acompanhou-me até a sala do G1, 1º ano. Apresentei-me à Professora B., bem como a todos os presentes; expliquei qual era o meu propósito e o porquê de estar com eles durante alguns dias. A turma é composta de 24 alunos frequentes, sendo 09 meninas e 15 meninos.

Quando cheguei, os alunos estavam se organizando para iniciar a rotina diária, a professora realizou uma oração, contou uma história e depois cantaram uma cantiga popular “boi, boi, boi da cara preta”; em seguida, a mestra escreveu a cantiga

na lousa e as crianças copiaram-na em seus cadernos. Observei que as crianças empregam a letra bastão, e têm dificuldade em realizar a tarefa; passaram a maior parte do tempo copiando o cabeçalho da escola e o alfabeto. Segundo a Professora B., eles são carentes e imaturos. Pude perceber no olhar de cada criança o desejo de aprender, o desejo de ler e escrever; observei uma delas ajudando o colega a registrar as letras do alfabeto — a criança que ajudava vibrava a cada acerto do companheiro, e eufórica dizia: "o aluno L., está aprendendo a escrever as letras". Depois de um tempo, a professora se aproximou do aluno L. e diz com um tom áspero: "se você deixar os outros fazerem por você, nunca vai aprender". A docente não demonstra afetividade na relação com os alunos e, em alguns momentos, diz que "não esta brincando em trabalho" e que os alunos estão na escola para aprender. Segundo ela, "muito carinho pode atrapalhar no processo de aprendizagem". No final da aula, perguntei quais eram os desafios que ela enfrentava, então me respondeu: "os desafios são que eles aprendam a ler e escrever e sejam responsáveis".

Enquanto a docente B. organizava a sala para sair.Perguntei-lhe quais os problemas com os quais estava se confrontando, e rapidamente me respondeu: "os problemas são que os alunos faltam, eles vêm um dia para escola e faltam uma semana; os pais não são participativos e eu preciso da ajuda deles, pois as crianças são capazes de aprender."

No final da aula, ao me despedir, a professora disse-me que trabalhava já havia 15 anos na escola e que se aposentaria no decorrer do ano de 2014; concluiu dizendo que não via a hora de se aposentar, pois já estava cansada de trabalhar.

Falar da relação professor - aluno é falar de relações humanas, é falar de alegria e da angústia do outro e até da falta de interesse por parte do aluno e suas respectivas dificuldades. Cada um tem uma história diferente, uma linguagem diferente, uma maneira diferente, um incentivo diferente, esses elementos foram construídos pelas múltiplas relações da realidade. O aluno segundo Luckesi (1994, p.

117), "[...] é um sujeito ativo que, pela ação, ao mesmo tempo se constrói e se aliena. Ele é um membro da sociedade como qualquer outro sujeito, tendo caracteres de atividade, sociabilidade, historicidade, praticidade".

O aluno é um individuo que anseia pelo conhecimento, e a relação que estabelece com as práticas pedagógicas o faz avançar em direção ao objetivo final o qual está relacionado à busca de novas posições acadêmicas. Mas, o próprio aluno não tem essa visão e muitas vezes se angustia dentro da escola porque ao chegar ali traz de casa o autoconceito e autoestima a partir das relações que desenvolve com os pais ou pessoas de seu convívio diário, que nem sempre são satisfatórias. O professor, em sala de aula, não pode destruir essa relação. O educando não pode ser considerado, pura e simplesmente, como massa a ser modelada, mas sim como sujeito, capaz de construir a si mesmo, desenvolvendo seus sentidos, entendimentos e inteligências, a educação escolar não pode exigir uma ruptura com a condição existente sem suprir seus elementos. Há uma continuidade dos ele-

mentos anteriores e, ao mesmo tempo uma ruptura, formando o novo. O que o aluno traz de seu meio familiar e social não deve ser suprimido bruscamente, mas sim incorporado às novas descobertas da escola.(OLIVEIRA, 2006, s.p.).

Nesse dia observei o G2, 1º E, a turma é composta por 26 alunos sendo 08 meninas e 18 meninos, a professora me atendeu e permitiu a observação em sua sala de aula; expliquei do que se tratava o meu trabalho e que estaria durante uns dias com a turma. Nessa ocasião, a educadora trabalhou com a construção de uma narrativa em quadrinhos, do livro Letramento e Alfabetização, cujo titulo era "Vida de passarinho". A narrativa foi desenvolvida coletivamente, os alunos estavam sentados em dupla e participaram da atividade com muito entusiasmo e demonstraram uma participação ativa na elaboração da narrativa, que por fim ficou da seguinte maneira: "Um dia um passarinho, voava feliz, quando viu uma linda flor. Chegou perto da flor e com o bico sugou o néctar e depois foi embora. Mas a flor ficou apaixonada pelo passarinho e com o coração partido."

A professora A., avisou que não precisavam copiar, pois ela iria digitar e colar no caderno a narrativa construída por eles e montaria um mural com as próximas que viessem fazer, e no fim do processo da construção de outras histórias construiriam um livro com as narrativas criadas pelos alunos do 1º. Ano E.

Ao longo da atividade a docente me explicou que: "no primeiro momento não teria sentido para as crianças escreverem a narrativa, pois eles demorariam muito tempo para escrever". Portanto, durante o processo da escrita a professora foi a mediadora e o que as crianças falavam ela escrevia na lousa, interrompendo em alguns momentos para que as crianças refletissem sobre o que estavam falando; ela não dava a resposta, porém as ajudava na construção do pensamento, até que todas chagassem a uma conclusão. Quanto à organização da sala, a docente dispõe dois cantinhos com livros e alguns jogos.

Após a aula descrita, fui observar o recreio. Vi que as crianças se servem

"durante o almoço", demonstrando autonomia. Durante as brincadeiras no pátio, notei que o Vice-diretor E. caminhava no meio dos alunos e se relacionava com eles, participando de suas brincadeiras e batendo a corda para eles pularem.

O aluno J. se aproximou de mime disse: " Ele antes não se divertia com a gente, agora ele brinca porque a filha dele estuda aqui".

Ao terminar o recreio, retornei para sala de aula e a professora A. deu continuidade a seu trabalho contando a história dos três porquinhos. As crianças interagiram com a professora e a história contada. Durante a atividade havia uma aluna chupando dedo a mestra disse o seguinte para criança: "Quem chupa dedo não aprende a ler e escrever, pois quem chupa dedo é bebê! Você é bebê? Você já viu algum bebê lendo?". Depois da leitura, as crianças desenharam em uma folha sulfite o que mais gostaram da história. Enquanto elas se organizavam para fazer o desenho, aproximei-me da professora e perguntei-lhe quais eram seu desafios,

então me respondeu: “Os meus desafios são trabalhar com os alunos do 1º ano, pois não tenho experiência com a faixa etária de 5 a 6 anos e é muito difícil lidar com a imaturidade, a agitação e o choro, sem contar que eles não param sentados. Tenho dificuldades com o espaço que a escola dispõem, pois não temos uma quadra, não temos uma brinquedoteca, nem si quer um parquinho para as crianças gastarem toda energia. E também falta materiais pedagógicos para desenvolver uma boa aula, por isso, muitas vezes preciso trazer materiais da minha casa para realizar a aula.Tenho dificuldade em lidar com os funcionários da escola pois dizem que os meus alunos não param quietos e fazem muito barulho. Frente a reclamações constante da minha sala, questiono-me de como manter essas crianças sentadas e fazendo a lição, se na realidade o desejo delas é brincar? Não têm como eu passar lição na lousa do momento em que elas chegam à escola até a saída! Elas precisam aprender brincando através do lúdico”.

Perguntei dos problemas e a professora A. disse: “o problema é que a Educação está lá em baixo, quando a mim, não tenho problemas, tenho desafios, problemas os outros professores tem eu não.”

Nesse ponto do meu estágio, verifiquei quanto o psicopedagogo é relevante na abordagem e solução dos problemas de aprendizagem. Seu papel não é o de procurar culpados e também nãopode agir com indulgência. De acordo com Bossa (2000, p.

14), “é comum, na literatura, os professores serem acusados de se isentarem de sua culpa e responsabilizar o aluno ou sua família pelos problemas de aprendizagem”, mas há um processo a ser visto, às vezes, os métodos de ensino tem que ser mudados, o afeto, o amor, a atenção, isto tudo influi muito na questão. Nesse caso, cabe ao psicopedagogo avaliar a situação da forma mais eficiente e proveitosa possível.

Segundo Soares e Sena (s.d.; p. 6),

Aprender é o resultado da interação entre estruturas mentais e o meio ambiente. O professor é co-autor do processo de aprendizagem dos alunos e por isso, o conhecimento é construído e reconstruído continuamente. O conhecimento como cooperação, criatividade e criticidade estimula a liberdade e a coragem para transformar, sendo que o aprendiz se torna no sujeito ator como protagonista da sua aprendizagem. O professor exerce a sua habilidade de mediador das construções de aprendizagem. Mediar é intervir para promover mudanças.

No outro dia, ao chegar na instituição escolar, observei as relações dos assistentes de apoio. No espaço da direção, a funcionária R. disse algo que me chamou a atenção: “O governo pega essas crianças e joga em uma sala em que elas ficam amarradas na cadeira, mal conseguem colocar os pés no chão, pois as cadeiras não são adequadas para a faixa etária”.

De acordo com Horn (2004, p. 28):

É no espaço físico que a criança consegue estabelecer relações entre o mundo e as pessoas, transformando-o em um pano de fundo no qual se inserem emoções [...] nessa dimensão o espaço é

entendido como algo conjugado ao ambiente e vice-versa. Todavia é importante esclarecer que essa relação não se constitui de forma linear. Assim sendo, em um mesmo espaço pode moster ambientes diferentes, pois a semelhança entre eles não significa que sejam iguais. Eles se definem com a relação que as pessoas constroem entre elas e o espaço organizado.

Em seguida, fui para o G1. Nesse momento, a professora estava aplicando na lousa um ditado dirigido, com as seguintes palavras: bala, bola, borracha, boca, bico, bebê, beijo e boneca. As crianças iam até a frente da sala e a professora pronunciava a palavra em seu ouvido, depois a mesma escrevia a palavra. Dentro dessa dinâmica, uma criança não conseguiu escrever a palavra e disse: "Eu nunca vou aprender a fazer!" Em contra partida, a professora respondeu: "Você não conhece o "B" "B"? É a segunda letra do alfabeto. As crianças escolhidas foram até a lousa e escreveram os nomes ditados pela professora.

A seguir, a mestra passou a ditar numerais. Então, comentou: "Todo dia passo o numeral na lousa e você tem coragem de me apresentar esse número? São tão imaturos...". Continuou dizendo: "Quem terminar vai subir, e quem não terminar vai ficar comigo fazendo a lição eu não estou de brincadeira". Diante dessas colocações, as crianças ficaram agitadas. Ocorreu de duas delas brincarem com a mochila de rodinhas: uma subiu em cima enquanto a outra puxava. A aula não foi produtiva a todo o momento a professora chamava a atenção dos alunos, e a aula pouco rendia.

Em outro dia, ao chegar à sala de aula,encontrei a Professora A., do G2, que estava retornando do intervalo com as crianças; naquele momento,acompanhei-a e perguntei-lhe se teria a possibilidade de entrar em sua sala de aula, e explique--lhe a necessidade ser apresentada para as crianças, pois o espaço era delas, e as mesmas poderiam se sentir incomodadas pela presença de alguém que não as conhecia, ao que a professora respondeu rispidamente dizendo: "as crianças já estão acostumadas a receberem estagiárias na sala, para elas não tem a mínima diferença de ter ou não estagiário na sala, se você deseja se apresentar para elas, aproveita e se apresenta agora, se você conseguir".

É importante salientar que nesse momento as crianças estavam fazendo muito barulho e se organizando para brincar na sala de aula, pois era o dia instituído como o "dia do brinquedo". Diante da postura da professora, senti-me incomodada, apreensiva e, ao mesmo tempo, reflexiva com o seguinte questionamento: "será que a intervenção será para as crianças ou para os professores?". Diante do ocorrido, continuei observando as crianças e suas brincadeiras, a professora estava agitada, então, aproximei-me dela e ofereci-me para ajudá-la; ela aceitou a minha oferta e a tratei com cumplicidade, procurando demonstrar-lhe ternura em minhas ações. Logo depois que as crianças brincaram, ela solicitou que as mesmas guardassem seus brinquedos, pois iriam realizar uma atividade. Esta se relacionava à noção de esquema corporal. A educadora utilizou como instrumento de aula a música "cabeça, ombro, joelho e pé". Depois de cantar, as crianças dese-

nharam seu corpo em uma folha de sulfite em posição de vertical. Durante esse processo, aproximei-me da professora e perguntei-lhe se poderia ajudá-la, ela me respondeu com um calmo sim, e que eu poderia distribuir as folhas para as crianças. Ela entregou as folhas sulfites em minhas mãos, depois começou a conversar comigo, dizendo: "não tenho experiências com as turmas do 1º ano, pois sempre dei aulas para crianças da 2ª série; essa faixa etária é muito difícil de trabalhar, pois são muito imaturos e choram por qualquer coisa. No início, tive muita dificuldade com essa turma, pois os alunos não paravam sentados em suas próprias cadeiras e hoje eles já ficam sentados. A escola não esta preparada para trabalhar com faixa etária de 6 anos de idade, pois o espaço não é adequado para elas, nossa escola nem sequer tem uma quadra ou um parquinho para elas brincarem, ou seja gastarem sua energia."

Segundo o Referencial Curricular Nacional da Educação Infantil (BRASIL, 1998, vol 1, p. 21-22),

As crianças constroem o conhecimento a partir das interações que estabelecem com as outras pessoas e com o meio em que vivem. O conhecimento não se constitui em cópia da realidade, mas sim, fruto de um intenso trabalho de criação, significação e ressignificação.

A professora ainda relatou que havia feito psicopedagogia. E relatou que suspeitava que o aluno J. apresentava indícios de autismo. No final da aula, sua postura havia mudado e então me chamou e falou para as crianças que tinha uma pessoa que ela lhes iria apresentar. Apresentou-me e pediu-me desculpas por ter me tratado mal no inicio da aula.

Passados alguns dias, em novo momento de estágio, encontrei os professores reunidosem uma sala de aula, estavamorganizando seus diários de classe, individualmente. Aproximei-meda professora do G 1que preenchia um relatório sobreas hipoteses alfabéticas de cada aluno: 05 pré-silábicos, 05 silábicos sem valor, 11 silábicos com valor, 03 silábicosalfabéticos, 01 alfabético em lista. Ela também registrou o aproveitamento geral daclasse, o comprometimento, a participação e o comportamento. Transcreveu os nomes dos que não atingiram as expectativas de aprendizagem, apontando as causas da defasagem. Depois, os professores fizeram um intervalo para o café e retornaram para a salaa fim de fazerem o Conselho de Classe. A professora do G 2 não estava presente.

Quanto ao Conselho de Classe, podemos dizer que

O Conselho de classe é um dos vários mecanismos que possibilitam a gestão democrática na instituição escolar.

A gestão democrática esta prevista na LDB 9394/96 em seu artigo 14:

Art. 14. Os sistemas de ensino definirão as normas da gestão democrática do ensino público na educação básica, de acordo com as suas peculiaridades e conforme os seguintes princípios:

I – participação dos profissionais da educação na elaboração do projeto pedagógico da escola;

II – participação das comunidades escolar e local em conselhos escolares ou equivalentes.

Segundo a SEE do Paraná,

A finalidade primeira dos conselhos de classe é diagnosticar problemas e apontar soluções tanto em relação aos alunos e turmas, quanto aos docentes.

Na prática acaba por avaliar alguns alunos e/ou turmas e a própria prática pedagógica da escola.

Normalmente os conselhos acontecem nos fins de bimestres, trimestres ou semestres, onde são discutidos encaminhamentos pedagógicos, notas e comportamento de alunos.

Quando necessário o conselho de classe decide se um aluno será retido ou não.

Se não é bem conduzido, o Conselho acaba se atendo somente a questões dos alunos e suas notas e comportamentos, sem avaliar a própria prática educativa da escola. Ao invés de discutir o aluno de modo integral, os professores acabam acentuando apenas seus pontos negativos.

Entretanto,

Em uma escola onde a gestão democrática é realidade, o conselho de classe desempenha o papel de avaliação dos alunos e de autoavaliação de suas práticas, com o objetivo de diagnosticar a razão das dificuldades dos alunos, e apontar as mudanças necessárias nos encaminhamentos pedagógicos para superar tais dificuldades. Para tanto, as reuniões do Conselho não devem se ater somente aos momentos de “fechar as notas”.

Importante salientar que a gestão democrática citada na LDB 9394/96 garante à equipe pedagógica e aos professores da escola o direito de estabelecer os princípios, finalidades e objetivos de seu Conselho de Classe e dos outros mecanismos que a possibilitam.

Para terminar o expediente, todos foram direcionadas para uma palestra na sala da bíblioteca.

O palestrante falou sobre a importância daleitura, e mostrou muitos videos de motivação para senssibilizar os professores sobre a necessidade de se criar nos alunos o desejo pela leitura, salientandoque a ela abre um leque de possibilidades na formação do aluno e que qualquer tipo de texto desenvolve a mente dos alunos.

O palestrante enfatizou que aprender é criar novas memórias de longa duração, memoria associativa.Na verdade, toda memoria é associativa. Por isso, é muito importante que o aluno crie o hábito de estudar em casa, tornando-se “pesquisador”.

Para desenvolver memórias de longa duraçao, o aluno ao voltar para casa precisa revisar o que aprendeu.

No novo dia que cheguei à escola para cumprir minhas horas de estágio, observei as crianças do G1, que participavam da aula de educação física. Os alunos demonstravam entusiasmo e alegria; a professora L. se mostrou atenciosa e dedicada durante a aula. Os pequenos estavam aprendendo a jogar basquete. Para desenvolver sua aula, a professora L. separou a turma em dois grupos, o primeiro

constituído de meninos e o outro de meninas. Os alunos ficaram organizados em fila, e cada criança tinha a oportunida-

de de tentar fazer uma cesta.

Ao terminar essa aula, as crianças beberam água e se organizaram para voltarem para sala de aula. Perguntei para a professora L. quais as dificuldades que ela encontrava em relação as turmas de 1º ano, ela disse: “minha dificuldade em trabalhar com as turmas de 1º ano é a de lidar com a imaturidade e agitação, pois eles tem muita energia para gastar e o espaço não ajuda, pois como você está vendo tenho que adequar o espaço por não ter uma quadra e não ter material adequado para trabalhar com eles, portanto tenho que improvisar na execução das aulas.”

A professora de Educação Física desenvolve suas aulas no pátio da escola, pois não há uma quadra, embora conste na planta do prédio. Felizmente, sua construção iniciou-se no ano passado; os alunos e professores estão ansiosamente aguardando o seu término.

Lembrando que no processo de aprendizagem a aula de educação física é muito importante para o desenvolvimento das crianças, pergunto-me: onde foi parar o dinheiro da construção da quadra, se ela já constava na planta?Infelizmente, temos que lidar com os desvios de verbas da área da educação, o que é uma vergonha para o nosso país.

Diante daquilo que vinha observando no cotidiano da escola Maria Elizabeth

Gomes, recordei-me das colocações de Nádia Bossa em seu livro “Fracasso Escolar:

Um olhar psicopedagógico”(2000), a urgência de se buscar soluções preventivas em relação ao fracasso escolar:

Vivemos em um país em que a distribuição do conhecimento como fonte de poder social é feita privilegiando alguns e discriminando outros. Precisamos buscar soluções para que a escola seja eficaz no sentido de promover o conhecimento e assim, vencer problemas cruciais e crônicos do nosso sistema educacional: evasão escolar, aumento crescente de alunos com problemas de aprendizagem, formação precaríssima dos que conseguem concluir o ensino fundamental, desinteresse geral pelo trabalho escolar. (BOSSA, 2000, p. 19)

Pelo que tenho constatado, sou levada a crer que o que o fracasso escolar das crianças do nosso país não está ligado às questões endógenas do aprendente, masa um sistema falho e muitas vezes corrupto. Se houvesse qualidade de ensino e responsabilidade e comprometimento por parte do sistema educacional, não seria tão necessária a presença do psicopedagogo escolar, pois o número de crianças com dificuldade de aprendizagem seria reduzido.

Eis que chega um novo dia de estágio. Nessa ocasião, observei o G2. A professora A. me recebeu com um abraço e alguns alunos da mesma forma. Eles estavam voltando do recreio; ao chegarem à sala de aula, deram continuidade à atividade de matemática que haviam iniciado antes do intervalo: escrever de 0 a 100. Ao observar a realização da atividade, percebi que algumas crianças estavam com dificuldade de escrever os numerais e muitas escreviam o número espelhado. A professora ficou sentada em sua mesa esperando as crianças terminarem de realizar a atividade para levá-las para brincar. Diante desse fato, uma criança me pediu

ajuda para realizar a tarefa. Depois de um tempo, a mestra levou os alunos para brincar e tomar um banho de sol na área externa da escola. Nesse momento, falou que as crianças precisavam brincar e que ela não concordava em mantê-las o tempo todo em sala de aula. Assim sendo, levava-as todos os dias para brincar depois das atividades.

Observei que a professora estava enganada quanto a descuidar do aprendizado formal para priorizar o brincar. Não que seja desnecessário deixar as crianças sem o brincar, pois a brincadeira faz parte da infância, mas é preciso encontrar um equilíbrio no atendimento das duas necessidades: o lúdico e a aprendizagem formal. Aliás, as duas coisas podem ocorrer juntas. Como diz Rubem Alves:

Às vezes eu penso que o que as escolas fazem com as crianças é tentar forçá-las a beber a água que elas não querem beber. Brunno Bettelheim, um dos maiores educadores do século passado, dizia que na escola os professores tentaram ensinar-lhe coisas que eles queriam ensinar, mas que ele não queria aprender. Não aprendeu e, ainda por cima, ficou com raiva. Que as crianças querem aprender, disso não tenho a menor dúvida. Vocês devem se lembrar do que escrevi antes, corrigindo a afirmação com que Aristóteles começa a sua Metafísica: "Todos os homens, enquanto crianças, têm, por natureza, desejo de conhecer...". (ALVES, 2004, p. 14)

CAPÍTULO 3

O PAPEL DO PSICOPEDAGOGO INSTITUCIONAL ESCOLAR

Segundo Bossa (1994), o trabalho psicopedagógico implica na compreensão da situação de aprendizagem do sujeito, individualmente ou em grupo, dentro do seu próprio contexto. Ainda, a autora afirma, que a atuação do psicopedagogo na instituição escolar implica em pesquisar as condições para a produção da aprendizagem do conteúdo acadêmico buscando identificar os obstáculos e os elementos facilitadores, isso tudo posto numa abordagem preventiva.

O psicopedagogo institucional, como um profissional qualificado, está apto a trabalhar na área da educação, dando assistência aos professores e a outros profissionais da instituição escolar para a melhoria das condições do processo ensinoaprendizagem, bem como para prevenção e solução dos problemas de aprendizagem. Por meio de técnicas e métodos próprios, o psicopedagogo possibilita uma intervenção psicopedagógica visando à solução de problemas de aprendizagem em espaços institucionais. Juntamente com toda a equipe escolar, está mobiliza a construção de um espaço adequado às condições de aprendizagem de forma a evitar comprometimentos. Elege a metodologia e a forma de intervenção com o objetivo de facilitar e descobrir tal processo.

Os desafios que surgem para o psicopedagogo dentro da instituição escolar relacionam-se de modo significativo. A sua formação pessoal e profissional implicam a configuração de uma identidade própria e singular que seja capaz de reunir qualidades, habilidades e competências de atuação na instituição escolar.

Penso que se existissem nas escolas

psicopedagogos trabalhando com essas dificuldades, o número de crianças com questões relacionadas à aprendizagem seria bem menor.

Para Bossa (2000), o psicopedagogo tem muito que fazer na escola. Sua intervenção tem um caráter preventivo, sua atuação inclui:

- Orientar os pais;
- Auxiliar os professores e demais profissionais nas questões pedagógicas;
- Colaborar com a direção para que haja um bom entrosamento em todos os integrantes da instituição e;
- Principalmente socorrer o aluno que esteja sofrendo, qualquer que seja a causa.

São inúmeras as intervenções que o psicopedagogo pode ajudar os alunos quando precisam, e muitas coisas podem atrapalhar uma criança na escola, sem que o professor perceba, e é o que ocorre com as maiorias das crianças com dificuldades de aprendizagens, e às vezes por motivos tão simples de serem resolvidos. Problemas familiares, com os professores, com os colegas de turma, no conteúdo escolar, e muitos outros que acabam por tornar a escola um lugar aversivo, e o que deveria ser um lugar prazeroso.

Dentro da escola, a experiência de intervenção junto ao professor, num processo de parceria, possibilita uma aprendizagem muito importante e enriquecedora, principalmente se os professores forem especialistas em suas disciplinas. Não só a sua intervenção junto ao professor é positiva, também como a participação em reuniões de pais, esclarecendo o desenvolvimento dos seus filhos, em conselhos de classe com a avaliação no processo metodológico, na escola como um todo, acompanhando e sugerindo atividades, buscando estratégias e apoio necessário para cada criança com dificuldade.

O fazer do psicopedagogo se concretiza na instituição escolar quando este amplia a compreensão sobre as características e necessidades de aprendizagem dos sujeitos deste ambiente, abrindo espaço para que a escola viabilize recursos para atender às necessidades de aprendizagem. Para isso, a análise dos documentos da escola, bem como, do Projeto Político Pedagógico, no qual está descrito as propostas, objetivos de ensino e o que é valorizado como aprendizagem, é imprescindível para compreensão da identidade construída pela unidade escolar.

Nas palavras de Bossa (1994):

Cabe ao psicopedagogo perceber eventuais perturbações no processo aprendizagem, participar da dinâmica da comunidade educativa, favorecendo a integração, promovendo orientações metodológicas de acordo com as características e particularidades dos indivíduos do grupo, realizando processos de orientação. Já que no caráter assistencial, o psicopedagogo participa de equipes responsáveis pela elaboração de planos e projetos no contexto teórico/prático das políticas educacionais, fazendo com que os professores, diretores e coordenadores possam repensar o papel da escola frente a sua docência e às necessidades individuais de aprendizagem da criança ou, da própria

ensinagem.(BOSSA, 1994, p.23)

Ressalta Barbosa (2001, apud PONTES, 2010, p. 423.) que “na instituição escolar, convive-se com o ensinar e com o aprender de uma forma muito dinâmica, não sendo possível, na prática, haver uma intervenção que recaia somente sobre o aprender”.

Barbosa, ainda, complementa:

Quando dizemos que a Psicopedagogia se preocupa com o ser completo, que aprende, não podemos esquecer que faz parte da completude deste ser a capacidade de aprender em interação com aquilo ou aquele que ensina; e que a ação de ensinar não é sempre exercida pelo professor, assim como a de aprender não é de responsabilidade somente do aluno. (2001, p.)

Acredito que o ato de aprender se dá entre as relações e vínculos estabelecidos por cada indivíduo, pois ao ensinar aprendo com o meu aluno e ele comigo, e através das relações o nosso caráter e personalidade vão sendo moldados. Aprendemos porque temos contato com o meio no qual estamos inseridos e com as experiência vivencias e partilhadas. O psicopedagogo pode contribuir de forma significante nessa relação despertado no educador e educando essa reflexão, a qual “aprender não é de responsabilidade somente do aluno” e que “a ação de ensinar não é sempre exercida pelo professor,” pois aprendemos constantemente uns com outros, portanto, o ato de aprender se solidifica através do experiências vivenciadas, observadas e compartilhadas.

Segundo Fernandes:

A participação do professor, por inteiro, (corpo, organismo, inteligência e desejo) nessa relação, na sala de aula, no processo ensinoaprendizagem demanda a participação dos alunos também por inteiro. O organismo, transversalizado pela inteligência e o desejo, irá se mostrando em um corpo, e é deste modo que intervém na aprendizagem, já corporizado. (FERNÁNDEZ, 1990, p.62).

Considero de extrema relevância o papel que o professor exerce em sala de aula, acredito que o mestre deve ser um currículo vivo para seus alunos, o qual transmite o desejo pelo aprender,e suas ações falam mais que suas palavras, por manter uma postura exemplar e admirável com os seus alunos, portanto através dessa relação de respeito multo e admiração, o anseio pelo saber desconhecido se solidifica notoriamente,favorecendo ao aluno à busca pelo conhecimento de forma investigativa e desejável.Haja vista que aluno e professor desenvolvendo seu papel de maneira plausível, ambos se potencializam na construção pelo saber, pois “não há saber mais ou saber menos, há saberes diferentes.” E ambos se completam na relação aprendente e ensinante.

Barbosa afirma que:

A atuação psicopedagógica junto a um grupo ou instituição, para ser operante, precisa interpretar os papéis desempenhados, a forma como foram atribuídos e assumidos, assim como as expectativas que se encontram latentes neste movimento de atribuir e aceitar o papel. [...] A tarefa de cada um deve estar voltada para o aprender, desde a direção até a portaria

ou o serviço de limpeza. (2001, p.).

Nessa relação o psicopedagogo tem uma relevância muito grande, podendo intervir nas relações estabelecidas na instituição escolar, despertando-lhes uma visão singular frente as múltiplas formas de aprendizagem e principalmente o papel que cada um têm por atribuição a qual precisa ser realizada com responsabilidade e de maneira funcional, para que a escola e caminhe saudável e harmônica cada um desempenhado seu papel. Porém mesmo percebendo uma grande oportunidade de intervenção por parte do psicopedagogo institucional estagiário, no caso eu mesma, infelizmente não houve possibilidade de intervenção.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como foi colocado na introdução deste trabalho, cujo tema é o papel do psicopedagogo escolar, foi realizado um estudo no contexto da Escola Estadual Maria Elizabeth Gomes, numa tentativa de responder a pergunta: "Qual é o papel do psicopedagogo escolar no contexto dessa escola?".

Busquei trabalhar com esse tema porque havia percebido a deficiência na compreensão da função do psicopedagogo escolar por parte dos educadores em geral. Vi que seria muito importante que eles soubessem a importância desse profissional nos dias de hoje. Ao terminar este trabalho, penso ter demonstrado que o psicopedagogo é um profissional capacitado para colaborar com o professor no contexto escolar, vencendo as dificuldades de aprendizagem apresentadas pelos alunos.

Pessoalmente, este trabalho foi de fundamental importância para minha formação profissional, executá-lo oportunizou-me ter contato com a realidade na qual trabalharei em futuro próximo. Pude conhecer as possibilidades de atuação do psicopedagogo na instituição escolar e consolidar os pressupostos teóricos adquiridos na Universidade.

O artigo descreveu a unidade de ensino objeto da pesquisa; falou da dinâmica da escola e dos problemas relacionados às dificuldades de aprendizagem dos alunos, também apresentou, teoricamente, a função do psicopedagogo escolar; identificando possibilidades de atuação desse profissional na unidade de ensino observada.

Assim minha conclusão final é que esse trabalho mudou a minha cosmo visão, frente à atuação do psicopedagogo escolar e sua contribuição na vida dos ensinantes e aprendentes. Por esse motivo desejo contribuir na realidade educacional a qual estou inserida, através de um olhar observador e investigador, tentando encontrar estratégias e possibilidades para desvendar os caminhos para a não aprendizagem, através de uma escuta e um olhar sem rótulos e sem preconceitos pré- estabelecidos, um olhar que pode desvendar mistérios, acolher e oportunizar momentos de partilhas que reverbere na aprendizagem de tais indivíduos, possibilitando assim, alivio para as emoções e sentimentos não expressos pela linguagem oral, corporal ou a linguagem escrita, sufocados e oprimidos por uma sociedade imediatista e capitalista a qual se preocupa com o ter e não com o ser e suas particularidades e peculiaridade cultural,

haja vista que cada indivíduo tem sua individualidade e identidade destinta a qual os tornam seres únicos e especiais. No entanto acredito que ao trabalhar com as crianças, o corpo docente e as expectativas dos familiares, faz-se necessário levar em consideração a historicidade que cada individuo traz consigo e suas perspectivas frente ao desejo latente de aprender algo novo que tenha significado e seja significante, e que o impulsionará à futuras realizações no processo da construção do conhecimento.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Rubem. O desejo de ensinar e a arte de aprender. Campinas:

Fundação EDUCAR DPaschoal, 2004.

BARBOSA L.M.S. A Psicopedagogia no âmbito da instituição escolar. Curitiba:

Expoente; 2001.

BOSSA, Nadia A. A Psicopedagogia no Brasil. Porto Alegre, Rio Grande do Sul:

Artes Média Sul, 2007.

BOSSA, Nadia A. Dificuldade de Aprendizagem: O que são? Como tratá-las? Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000 (a).

BOSSA, Nadia A. Fracasso Escolar: um olhar psicopedagógico. Porto Alegre:

Artmed, 2000 (b).

BOSSA, Nadia A. A Psicopedagogia no Brasil: contribuições a partir da pratica.

Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1994.

BRASIL. Referencial Curricular para a Educação Infantil. Vol. 1. Brasília:

MEC/SEI, 1998.

FERNANDES, Alícia. A inteligência aprisionada. Porto Alegre: Artmed, 1990.

FERNANDES, Alícia.Os idiomas do aprendente: análise de modalidades ensinantes emfamílias,escolas e meios de comunicação. Porto Alegre: Artmed, 2001.

HORN, Maria da Graça de Souza. Sabores, cores, sons, aromas. A organização dos espaçosnaeducaçãoinfantil. Porto Alegre: Artmed, 2004.

NASCIMENTO, Fernanda Domingas do. O papel do Psicopedagogo na

Instituição Escolar. Publicado em: 19 de Março de 2013. Disponível em: HTTP://psicopedagogia.com/atuacao/psicopedagogia-escolar/o-papel-dopsicopedagogo--na-instituicao-escolar. Acessado em 28. Jun. 2014.

OLIVEIRA, Silvia Suely Sillos de. A importância do psicopedagogo frente às dificuldades de aprendizagem. Publicado em: Novembro de 2006. Disponível em:

http://www.abpp.com.br/artigos/62.htm. Acessado em 28 Jun. 2014.

PONTES, Idalina Amélia Mota. Atuação psicopedagógica no contexto escolar: manipulação, não; contribuição, sim. Rev. psicopedag. [online]. 2010, vol.27, n.84, pp. 417-427. ISSN 0103-8486. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?-pid=S0103-

84862010000300011escript=sci_art-text. Acessado em: 28. Jun. 2014.

REZENDE, Cátia Gontijo. Psicopedagogo Institucional: atribuições e responsabilidades. Revista Eduf@tima, Vol. 2, No 1 (2011). Disponível: em http://www.edufa-